

The background of the page is a complex, abstract composition of thin, overlapping black lines. These lines are mostly curved and sweep across the page from the top-left towards the bottom-right. Interspersed among these lines are several small, hollow black circles of varying sizes. Some circles are positioned at the intersections of lines, while others are placed more randomly. The overall effect is that of a network or a web of connections, with a sense of movement and interconnectedness.

Txintxa

*Grupo de Trabalho:
Recursos Teológicos do Graal*

Índice

| | | |
|----|--|----|
| 1. | Equipa International do TXINTXA | 3 |
| 2. | Ecumenismo - Resumo das Respostas do Processo Txintxa3 | 5 |
| 3. | <i>A Taça do Graal</i> por Anne Hope | 9 |
| 4. | <i>Caminho</i> por Maria Carlos Ramos | 13 |
| 5. | “Tornar-se cristã (cristão) inter-religiosamente” - Felix Wilfred | 15 |
| — | Comentário por Isabel Allegro M. | 22 |
| — | Comentário por Jeanette V. Loanzon | 24 |
| 6. | Directrizes para a Compreensão Inter-Religiosa - Fr Thomas Keating, O.S.C.O. | 26 |
| 7. | Experiências Graal de diálogo fecundo | 28 |
| 8. | Bibliografia anotada | 30 |



Queridas mulheres do Graal de todo o mundo,

A reunião da Equipa Internacional do TXINTXA realizada entre 16 e 23 de março de 2013 em Kleinmond /AS foi uma experiência extraordinária.

Apreciamos o céu tardio de verão refletido num mar azul profundo, as flores de palha a decorar as colinas atrás do Centro Graal, coelhos e tartarugas que habitam o complexo, além da maravilhosa hospitalidade do grupo em Kleinmond, fazendo-nos sentir em casa. Estamos muito gratas pelo magnífico quadro da reunião. Os passeios pelo centro, as visitas a Mthimkulu - um município e as casas de férias perto da praia – permitiu-nos ver claramente as diferenças sociais na sociedade e o trabalho eficiente do Graal na luta contra elas.

As nossas tarefas na qualidade de Equipa TXINTXA fizeram-nos discutir intensamente sobre as reações dos 13 países que partilham as suas opiniões sobre o processo de TXINTXA III - ecumenismo, de modo a promover uma terceira fase, como sugerido durante a IGA 2011 e aprovado no IC 2013. Resultados:

Um resumo alargado com citações dos contributos dos vários relatórios nacionais das equipas TXINTXA III e com identificação das principais questões resultantes.

Um dos assuntos mais contraditórios e sobre o qual houve mais manifestações de preocupação nas reações foi o tema da Eucaristia como centro e/ou como obstáculo. Dois artigos (de Anne Hope e Maria Carlos) serão enviados como contributo e base para discussão.

Esperamos com estas questões de base contribuir para o convite e para o estímulo à reflexão sobre os temas em causa no contexto dos vários grupos locais, e também para provocar o diálogo com outras comunidades do Graal internacional. Está igualmente aberta a possibilidade de reagir junto da Equipa TXINTXA (via Mary Omedo) caso seja essa a vontade (opcional). Agradecemos reações dos diferentes países, grupos ou indivíduos sobre o tema da Eucaristia – não mais de 2 páginas – até 15 de novembro de 2013.

Uma pergunta que estava sempre presente e nós que devolvemos como ponto de reflexão: Quais são os conteúdos do nosso diálogo em reuniões do Graal? Exemplo: "a Igreja emergente que nós gostaríamos de ver – inclusão em vez de exclusão"

O próximo tópico será o diálogo inter-fé / inter-religioso. Embora o processo não seja iniciado antes de 2014 – deixamos alguns pensamentos e propostas de discussão para preparar a próxima etapa:

❖ Alguns artigos que foram sugeridos para a reflexão sobre o ecumenismo devem ser aqui considerados: Concilium 2011/2 "tornar-se um cristão" (www.concilium.in) com reflexões da Isabel Allegro e Jeanette Loanzon.

❖ Foi iniciada uma carta com "experiências de espiritualidade partilhada" dentro dos grupos Graal e/ou com membros de outras religiões o qual serve também de convite ao envio de novas histórias, novas partilhas.

❖ A pergunta "como é um diálogo profundo e verdadeiro?" surgiu no contexto de do Conselho Internacional, pelo que junto enviamos também uma nota sobre Thomas Keating para as interessadas em aprofundar esta questão.

❖ Foi igualmente preparada uma lista de leituras de referência (anotadas) para permitir um melhor entendimento das questões em causa. (Solicitado durante o IC)

Todos os trabalhos e artigos serão enviados através do secretariado por e-mail ou em cópias para os países com problemas para fazer download de anexos pesados (quem recebe via email pode, igualmente, solicitar uma cópia impressa). O Graal em Portugal disponibilizou-se para traduzir, ilustrar e editar a documentação completa TXINTXA III, o que agradecemos e aguardamos ansiosamente pela brochura impressa.

Esperamos e rezamos para que as muitas e profundas reflexões, a boa atmosfera, as ideias especiais e a alegria de trabalhar juntas sobre os temas apresentados, transpareça e se sinta em todos os materiais produzidos.

Desejamos uma reflexão e partilha proveitosas e abençoadas
As nossas saudações com muito amor

A Equipa Internacional do TXINTXA:
Anne, Lucy, Maria Carlos, Patricia and Christa
Junho 2013



Ecumenismo

Resumo das Respostas do Processo Txintxa3

Foram recebidas respostas de 13 países (EUA, Canadá, Austrália, PNG, Filipinas, Alemanha, Itália, Holanda, México, Uganda, Portugal, África do Sul e Brasil). As respostas foram sucintas mas tocaram o cerne da questão, e acima de tudo, foram respostas honestas. Todas apresentam uma abertura semelhante ao diálogo ecuménico e inter-religioso, sem, contudo, entrar muito na análise dos desafios.

A abertura às mulheres de outras religiões é uma coisa; admiti-las à adesão Graal é outra completamente diferente, e é claro que existe uma grande diversidade de opiniões e práticas nos diferentes grupos Graal em todo o mundo. Num extremo do espectro encontramos alguns grupos que já são ecuménicos e / ou contam com mulheres de várias religiões, enquanto; no outro extremo, há grupos que são totalmente católicos e que, provavelmente, irão continuar nos tempos mais próximos. As mulheres do Graal são honestas sobre onde a sua posição relativamente a esta questão, admitindo as suas próprias limitações e necessidades, permanecendo, contudo, comprometidos com a visão de um Graal que inclui as mulheres de todos os credos ou que não professam nenhum. Foi feito um ponto de situação importante, mencionado pelo menos uma vez, de que foi a Igreja Católica, no Concílio Vaticano II, que nos iniciou nesta nova estrada de consciência e apreciação de outras tradições cristãs e outras religiões mundiais.

Há temas-chave que emergem das respostas recebidas: a necessidade de aprofundar a nossa própria compreensão da fé cristã, a importância do diálogo (e especialmente de ouvir) com mulheres de outras convicções religiosas ou espirituais; uma preocupação profundamente sentida ao redor da Eucaristia, que tem sido, tradicionalmente, o centro de nossa identidade, mas que agora, em algumas situações, pode ser uma fonte de divisão ao invés de união; e, finalmente, um reconhecimento da importância da construção de uma comunidade no Graal.

Estes temas-chave levantam muitas perguntas para nós como grupos Graal em nossos próprios países e gostaríamos que cada grupo refletisse sobre essas questões e as discutisse como uma forma de melhor conhecer, não só a nossa própria situação cultural, mas as das nossas irmãs Graal em todo mundo. Gostaríamos, ainda, de incentivar os grupos a estender a discussão a um grupo/grupos em outro país para, assim, ampliar o nosso conhecimento e compreensão umas das outras.

1. O primeiro tema comum identificado foi a necessidade sentida por muitas de aprofundar a própria compreensão da fé cristã, antes de poder iniciar o diálogo com pessoas de outras crenças religiosas. Nas palavras do Grupo de Manila: "Na nossa situação atual sentimos a necessidade de aprofundar a nossa formação católica e catequese de adultos, para que possamos aprender mais sobre a nossa fé de modo a permitir uma maior abertura ao diálogo inter-religioso - que parece inevitável com a globalização. Acreditamos que se estivermos enraizadas na nossa religião e a praticá-la de forma segura, seremos mais capazes de um verdadeiro diálogo e de respeitar as crenças dos outros sem esperar converter ou ser convertido. "

2. Uma das questões levantadas pelo Graal no Canadá foi: "Como é que conseguimos manter-nos firmes na nossa tradição de fé e, ao mesmo tempo acomodar a perspectiva do outro?" Houve várias referências à questão do diálogo. O Graal italiano faz uma referência importante sobre a qual vale a pena refletir: "Concordamos com Raimon Panikkar na sua crença de que o povo cristão permanecerá como tal, apenas e só, se dialogar com as outras religiões."

A diversidade é muitas vezes vista como um enriquecimento e como uma oportunidade para aprofundar a própria espiritualidade através do diálogo. "Aprenda a comportar a pluralidade, a aceitar o sofrimento, confiar que pelo Espírito algo novo pode crescer a partir daí." (EUA)

Outros comentários interessantes relativos ao diálogo:

"Devemos ser tolerantes e saber ouvir, silenciar e refletir sobre se concordo com a outra posição e, caso não concorde, dialogar com respeito..." (México)

"Para promover o diálogo precisamos de nos ouvir umas às outras e aprender a apreciar as outras pessoas." (Uganda)

"Nós não queremos fazer proselitismo, queremos testemunhar a esperança que está em nós." (Canadá)

"Diálogo ... Para a maioria de nós isso significa aprofundar a nossa fé e compreensão cristãs... isso exige um trabalho interior profundo e uma auto-avaliação." (EUA)

3. Há, igualmente, muitos comentários e questões em torno da Eucaristia. "Podemos nós partilhar que o fato da participação na Eucaristia na Igreja Católica esteja aberta apenas a católicos nos afeta enquanto Graal que está crescer em diversidade espiritual? (Pilgrim Place, EUA) "Desejamos uma teologia da Eucaristia que seja totalmente inclusiva de todos os crentes. Quando rezamos juntas escolhamos formas de oração em todas possam participar plenamente. " (Canadá)" Como podemos

honrar a celebração da Eucaristia para aqueles para quem é significativa e, ao mesmo tempo, respeitar aquelas que têm um problema com a sua centralidade?" (Canadá)

"Pode a Eucaristia permanecer como algo que nos une ou não?" (Austrália)⁷

Para alguns grupos, onde quase todas são católicas, não há dificuldades com a celebração da Missa juntas, no entanto, por outro lado, o Graal na Holanda comenta "não é aceitável para todas que seja necessário vir um homem por causa da liturgia, ou é considerado demasiado tradicional para outras." Em Portugal, "celebramos a Eucaristia sempre que podermos. No entanto, não temos a intenção de forçar a convergência de todas nesta prática."

4. Muitos grupos manifestaram a preocupação quanto à forma de construir comunidade e a solidariedade, tanto nacional como internacionalmente, uma vez que somos um grupo cada vez mais diversificado.

O Grupo de Manila, declarou: "Caso uma não-católica manifeste vontade de se tornar membro do nosso grupo isso dificilmente constituirá um impedimento, desde que haja vontade de viver como comunidade".

O Graal no Canadá pergunta: "Pode a nossa identidade como Graal evoluir mais para a questão da comunidade que nos une do que para a pertença religiosa?"

"É importante saber o que temos em comum." (Graal na Holanda)

Muitos grupos sentiram claramente que os nossos objetivos comuns são o que nos unifica que nos une. O Grupo Cabo Ocidental (África do Sul) mencionou "a nossa busca comum pela justiça económica, a integridade da Criação, a igualdade de mulheres e homens e a busca de veracidade no nosso discurso público." Para Portugal, é missão do Graal "reconciliar toda a humanidade", o que nos une. O Canadá lembra-nos que "o lugar onde as mulheres cristãs e as mulheres de diferentes tradições se encontram é na ação em conjunto nas questões de justiça e de paz." Para as americanas, "agir em conjunto é, talvez, o caminho mais eficaz para o entendimento ecuménico." No entanto, dizem também que o que é essencial para a comunidade é proporcionar "oportunidades de encontro pessoal. Essa comunidade requer conversa espiritual e partilha de histórias e experiências pessoais. Comunidade implica um profundo respeito e interesse nas diversas espiritualidades presentes entre nós".

Este resumo e pequena amostra de respostas em relação aos principais temas que emergiram serve para transmitir um pouco da diversidade dentro do nosso Graal internacional, bem como para ilustrar como lutamos com muitas questões comuns. Identificamos algumas perguntas que podem ser consideradas na discussão e reflexão sobre estas questões, contudo não pretendemos que sejam exaustivas nem limitadoras. Não esperamos relatórios resultantes desta discussão que tem como principal objetivo contribuir para aumentar e aprofundar o próprio entendimento destes assuntos, contudo devem sentir-se à vontade para dar um feedback à equipa Txintxa se assim o entenderem.

Algumas perguntas sugeridas para discussão:

1. De que forma aprofundamos ou podemos aprofundar a nossa fé dentro da comunidade Graal, nacional e internacionalmente?
2. Para aquelas de nós que procuram envolver mulheres de outras religiões, como o podemos fazer? Será que já tomamos algumas iniciativas sobre as quais podemos construir caminho? Existe uma iniciativa inter-religiosa local, podemos participar? Podemos começar a nossa própria iniciativa inter-religiosa?
3. Se não nos sentimos prontas ainda para sensibilizar mulheres de outras religiões, como nos podemos preparar? Existem questões importantes que sentimos que devemos tratar primeiro no nosso grupo?
4. Podemos ter um diálogo sobre a nossa busca comum que inclua a partilha honesta sobre a Eucaristia?
5. O que podemos fazer para ser mais eficazes na construção de uma comunidade dentro do Graal?

A TAÇA DO GRAAL

A BUSCA DE COMUNHÃO CADA VEZ MAIS PROFUNDA UMAS PARA COM AS OUTRAS, A TERRA, DEUS

por Anne Hope

Vimos de muitas terras,
de muitas ocupações, de múltiplas culturas,
atraídas pela lenda do Graal.

É o nosso misterioso símbolo de Benção,
de generosidade, de partilha e de paz,
de plenitude e entendimento – Shalom.

A busca do Graal é uma busca do desejo,
desejo ardente, de pertencer.

Julgo que todas nós estamos no Graal
por desejarmos um mundo diferente,
um mundo de paz e abundância,
de justiça e amor,
um mundo de cuidado,
de amizade e convivialidade
onde se vive em conjunto com gosto,
partilhando generosamente
a abundância dos dons de Deus;
um lugar onde as necessidades
humanas fundamentais de cada pessoa
- homem, mulher, criança - possam ter resposta.

Temos consciência das nossas próprias feridas
e limitações, o que aumenta ainda a urgência
da procura de plenitude,
de uma vida em abundância
para nós e para os outros.
Essa plenitude envolve saborear a bondade,
a verdade, a beleza.

Porém, apenas em raros momentos de sintonia
com os outros e com o mundo que nos rodeia,
intuímos essa misteriosa e fugitiva Presença,
dentro de nós e tão para além,
a que em geral chamamos Deus.

Desejamos intimidade com os outros
e também intimidade com Deus.

John Donohue, poeta e filósofo irlandês,
escreve sobre o “desejo de pertencer” nestes termos:
“O coração humano é habitado por desejos muito
diversos.

Cada um deles com voz própria, fazem apelos à vossa
vida.

E em momentos diferentes e de modos inesperados
segredam convites aos nossos ouvidos.


Subterrâneo a todos eles, existe desde sempre em nós
uma aspiração que está sempre lá
e que há-de acompanhar cada momento
da nossa vida futura.

É uma aspiração ou desejo que nunca saberemos
discernir com clareza mesmo se nunca deixa de
chamar por nós.”

“Essa voz vem da nossa alma
é a voz ardente do desejo de eterno em nós,
confirmando-nos como incansáveis peregrinas sobre
a Terra.

Há algo em nós
que ninguém nem nada no mundo pode satisfazer...
Se acolhermos essa profundidade
ficaremos mais despertas, alerta,
quanto à razão por que habitamos a Terra.

“Se escutarmos a voz desse desejo fundo,
ouvi-lo-emos constantemente chamar-nos
para assumirmos diferentes modos de pertença.
E por que razão precisamos de pertencer?”



“O abrigo que a pertença nos dá permite que ganhemos força e energia; confirma em nós a serenidade e a firmeza de coração; torna-nos capazes de suportar pressões exteriores e momentos de confusão, sentindo-nos seguras no terreno que pisamos.

“E quando o coração acorda, a busca começa e já não é possível voltar atrás. A partir de então, somos como que inflamadas por um desejo singular que não permite hesitar para ficarmos no rés-do-chão da complacência ou em meias-medidas. Uma vez aberto esse caminho espiritual, poderemos levar ao mundo e às vidas de outros uma generosidade imensa.

Para nós, a Taça do Graal é exactamente essa “pérola de grande valor, o tesouro escondido num campo”:
é uma taça de Bênção.
Intuitivamente sabemos que se pudéssemos encontrá-la,
ela satisfaria toda a fome e sede de pertença não só de cada coração desejante, como as dos corações de toda a família humana, desafiando-nos à partilha do que possuímos.
Vivemos num mundo sedento, faminto de pão e de amor,
de alimento, vestimento e abrigo;
de segurança, intimidade e liberdade,
de justiça e de paz.
E então procuramos amorosamente responder.


Amar implica muitas vezes sofrimento.
E por vezes esse sofrimento só pode ser totalmente sarado pelo sacrifício.
Por isso com frequência temos a noção de o nosso amor não ser mais que uma frágil chama a trazer

algum calor e uma pequenina luz susceptíveis de apagar-se perante as dificuldades. À medida que crescemos na consciência da dor de outros e do sofrimento do mundo, procuramos de algum modo dar-lhes resposta.

Mas os nossos esforços resultam de motivações mescladas, raramente inteiras como gostaríamos que fossem. Damos conta do nosso fracasso e sentimos a necessidade de mudar, de corrigir, de pedir perdão. Os esforços falhados de tantos dos nossos trabalhos são apenas frágeis fragmentos de amor, migalhas de pão. E a intensidade das nossas alegrias e tristezas é como gotas de vinho: pequenas e insignificantes dentro do amplo quadro das coisas. No entanto muito nos foi dado: muita bênção.

Há milhões de coisas pelas quais temos de dar graças: pelo alimento, pelos amigos e pela família, pelo riso e a diversão, pela bondade, a verdade e a beleza, pelo “admirável, alegre e irrepitível acontecimento Terra” (e.e. cummings) e, em particular, pelo privilégio da própria vida. Há que expressar a nossa gratidão e dos nossos corações erguer-se-á naturalmente uma acção de graças, excepto talvez nos tempos de dura angústia.

Assim, colocamos as migalhas do nosso trabalho e as gotas de vinho das nossas experiências nessa Taça, e erguemo-las no altar da vida. Então uma transformação extraordinária acontece nessas migalhas das nossas vidas,



nessas gotas dos nossos sentimentos de alegria e medo.

Assim tudo é santificado, sacrificado, isto é, tornado sacro, capaz de gerar vida, poderoso e eficaz, ao ser incorporado no sacrifício de Cristo.

De um modo que quase nem ousaríamos esperar isso ajuda a assegurar que os que têm fome possam partilhar do pão do mundo; que os pobres possam perdoar a ambição dos ricos; que os isolados encontrem lugar numa comunidade de amor; que os alienados se sintam de novo bem-vindos numa sua calorosa casa.

Todos precisamos alimento, para o corpo e para a alma. E quando tomamos parte do pão e do vinho transfigurados vivemos a alegria da unidade que já existe entre nós, e que nos enche de força e amor de forma a tornarmos a unidade mais profunda, mais ampla, mais perfeita.

Muitos cristãos têm experimentado tudo isto em profundidade na celebração da Missa e noutras celebrações comunitárias: essa experiência da *communio*, de se ser “um com” Deus e todas as pessoas, unidade essa que vai muito mais longe que a soma de todas as partes. Isso foi especialmente forte em celebrações da Eucaristia em encontros Graal. Muitos grupos do Graal puseram a sua confiança ‘inclusive’ nesse alimento espiritual

e nessa fonte de inspiração e de união.

Todas nós esperamos que chegue o tempo em que a celebração da Eucaristia seja ‘inclusiva’ aberta a todas as cristãs que crêem, ajudando-nos a viver em harmonia de mente e coração.

Contudo, sabemos que muitas participantes do Graal, que não são católicas, têm sofrido por se sentirem excluídas, e a celebração da Eucaristia tem causado muita divisão em vez de unidade. Isso aconteceu em grupos onde algumas estão a fazer uma caminhada diferente na procura de fé.

Questões para Reflexão

- De que modos é que o que atrás ficou dito ecoa em ti como verdade ou não na tua própria experiência da Eucaristia no Graal?
- Como lidamos com esta questão que foi levantado por muitos grupos no anterior programa Txintxa?
- Quais seriam outras formas, outros rituais, que pudéssemos vir a ter, para aprofundarmos a experiência de comunhão entre nós?
- Não será essencial, antes de tratarmos do diálogo com pessoas com outra fé, que aprofundemos um diálogo entre nós sobre esta questão da Eucaristia?

Caminho

por Maria Carlos Ramos

A perícopre Lc 24, 13-35 é normalmente designada por '*No caminho de Emaús*' ou '*Os dois discípulos de Emaús*', encontra-se na sequência das narrativas das experiências de Maria de Magdala, Joana, Maria, mãe de Tiago (24,10), e de Pedro (24,12) junto ao túmulo vazio.

Ao contrário daquelas, '*O caminho de Emaús*' é uma narrativa longa, que preenche mais de metade do capítulo dedicado às aparições do ressuscitado, de onde se pode depreender que Jesus, segundo Lucas, ocupou grande parte do dia da sua ressurreição numa caminhada com dois discípulos desconhecidos.

Que intenção teria Lucas ao dar tanto relevo a este episódio, ao qual Marcos (Mc 16, 12) faz uma brevíssima referencia e que os outros evangelistas nem mencionam?

Aventam-se muitas hipóteses mas, ao certo, não sabemos, não saberemos.

Avanço com a minha suspeita:

A descrição desta caminhada tece-se numa alternância de contrastes:

- não-ver/ver;
- não-conhecer/reconhecer
- caminho de Jerusalém em direcção a Emaús/Emaús caminho de Jerusalém

O eixo da narrativa, ou ponto de viragem, é um gesto: a fracção do pão.

Assim, ao que parece, aqueles que se juntaram ao movimento de Jesus, passados três dias da sua condenação à cruz, dispersaram-se. Cada um volta à sua casa.

O movimento dilui-se, aquele que os unia morreu.

Continua a narrativa: o forasteiro com quem se cruzam é, desde o início do relato, identificado por nós, leitoras, é Jesus, o Ressuscitado. Eles porém, vêem mas não-vêem, «*os seus olhos estavam impedidos de reconhecê-lo*» (v.26). Este impedimento, esta falta de visão deve-se à «*lentidão de coração*» (v.25), «*para crerem em tudo o que os profetas anunciaram*» (v.25) que é, também, de acordo com os dois amigos (v. 26), a justificação para o regresso a Emaús. Regressar a Emaús é regressar ao pretérito, ao lugar de conforto, é a rejeição do Futuro e do compromisso, é a recusa do incerto e do provisório, é a recusa da demanda e da pergunta. Jerusalém, pelo contrário, apresenta-se como o futuro de Deus a irromper a história.

Depois de uma longa conversa (v.27), o ‘desconhecido’ tendo sido convidado a pernoitar, num gesto vulgar de partir o pão (v.30), torna-se visível, conhecido. Aquele gesto familiar torna-se a chave hermenêutica, descodifica o enigma, faz ver o invisível. Abriu-se-lhes os olhos, a inteligência e o entendimento e diziam entre si «*não nos ardía o coração*» (v.32).

Esta chave deixa ler o passado e gera um novo movimento. Diz ainda o texto: «Levantaram-se, partiram nesse mesmo instante» (v33) . Chamo aqui a atenção para o facto de Lucas utilizar o verbo *ἀναστήναι* - ressuscitar, na forma participíia. O mesmo verbo que dá corpo ao substantivo e ao adjetivo: ressuscitado, utilizado por Lucas em relação a Jesus.

Que dizer então destes dois discípulos? Que lhes aconteceu?

É ‘o partir do pão’ a fazer erguer (*ἀνασταίνω*) os discípulos. É no ‘partir do pão’ que tudo se transfigura.

Eles estavam sem vida e iam a caminho do passado.

Ganham vida com ‘o partir do pão’. Erguem-se, ressuscitados, e partem.

É o ‘partir do pão’ a imprimir futuro, a dar um sentido novo ao caminho. Já não em direcção ao passado (Emaús) mas ao futuro...

São os códigos a fazer comunidade, a tecer pertenças, a moldar ‘tribos’, a configurar sentidos. O *partir do pão* sela uma identidade. Esse gesto há-de congregar e imprimir significado ao grupo, sempre e de cada vez que o repetirem, qualquer que seja o lugar, qualquer que seja o momento ou a constelação do grupo.

O tema do caminho é uma constante no evangelho de Lucas. Para o evangelista o ministério de Jesus é feito no caminho entre a Nazaré, da Galileia, e a cidade de Jerusalém; os seus discípulos são itinerantes (Lc 9, 1-6.10-17.23-26; 10,1-11), o próprio Evangelho é a Via (Act 9,2; 18, 25.26; 19, 9.23; 22, 4; 24,14.22) e a pertença ao movimento de Jesus é entrar na jornada.

No caminho, o que faz a diferença é ‘o partir do pão’.

Não se parte o pão sozinhas, nem para nós próprias... o caminho também não!



Tornar-se Cristão Inter-religiosamente

Felix Wilfred

I Tornar-se de preferência a ser

Vou começar esta reflexão explicando por que razão eu prefiro falar de tornar-se cristão de preferência a “ser cristão”, que já pode parecer um estereótipo. “Ser cristão” sugere uma identidade pré-concebida e estática. Procura-se definir e circunscrever e, no processo, destacam-se os elementos específicos ao ser cristão. O enquadramento aqui é a lógica aristotélica de definir e classificar em termos de género e espécie. A essência de uma coisa é definida pela identificação do género (genos) a que pertence e à sua diferenciação (diaphora). Tudo isto faz focar a atenção em especificidade (derivado de espécie), mesmo quando trata realidades espirituais e religiosas sublimes, o que pode ser observado na procura de especificidade cristã na definição da sua identidade. Há aqui também um positivismo teológico. Quero dizer que a tentativa de definir o que é ser cristão é aqui vista como um objecto a ser analisado como se fosse decompô-lo quimicamente.

Mas um cristão ou uma comunidade cristã é um sujeito. Como tal, há um crescimento e transformação contínuos. Estão em processo de se tornarem. Assim entendemos “cristão” como um projecto – e, na verdade, como um projecto inacabado. Este ensaio pretende reflectir sobre como tornar-se cristão hoje implica relações inter-religiosas. O projecto de tornar-se Cristão inter-religiosamente pede algumas mudanças radicais no entendimento predominante da fé e da revelação assim como na compreensão de outras tradições religiosas.

II Da construção-identidade dialéctica à construção-identidade relacional

As definições tradicionais de ser cristão assumiram, em geral, uma abordagem dialéctica. Assim, um cristão era definido como alguém que está contra o mundo, que está no mundo mas não é do mundo: ou como alguém que passa pela terra, um vale de lágrimas. As muitas teologias do mundo e formas de teologia política ajudaram a ultrapassar a definição dialéctica do cristão mostrando a íntima relação da fé com o mundo e com as realidades seculares. Na Igreja Católica Romana, o documento do Vaticano II *Gaudium et Spes* assinalou um novo entendimento da fé e do mundo, que considerou em termos relacionais e não antiteticamente.

Uma outra área importante em que a identidade cristã era definida como contra era a das outras religiões. Para afinar os contornos da brilhante identidade cristã, tinha-se que a pôr em contraste com o fundo escuro das ímpias e idólatras religiões do mundo. A história das missões mostra como os missionários eram confrontados com a questão de definir a identidade cristã em continuidade com as culturas e religiões dos povos indígenas, ou em descontinuidade e em oposição às suas culturas e tradições. As tentativas para compreender a revelação Cristã em continuidade, como na obra de Roberto de Nobili e Matteo Ricci, foram fogo de palha. A estratégia dominante do empreendimento

missionário, abrangendo muitos países, era de extirpación de idolatria. Cristo era entendido 'contra cultura'. Esta tendência para definir a identidade Cristã contra religião e culturas ainda tem os seus representantes no século vinte, em figuras como Karl Barth e Hendrik Kraemer. Pode-Cf. Jacques Genet, *Chine et christianisme*, Paris-Gallimard, 1982; Vincent Cronin, *A Pearl to India: The Life of Robert De Nobili*, London: Darton, Longman & Todd, 1959.

Cf. H. Richard Niebuhr, *Christ and Culture*, San Francisco: Harper San Francisco, 2001 (originalmente publicado em 1951).

Cf. Hendrik Kraemer, *Christian Message in a Non-Christian World*, London: Edinburgh House Press, 1938. O livro de Hendrik Kraemer foi escrito para a Conferência do Conselho Missionário Internacional em Tambaran, Índia, em 1938. O livro defendeu que a revelação cristã é sui generis e constitui o padrão absoluto de referência, e que as outras religiões estão numa posição de descontinuidade com a revelação cristã e, na verdade, em última análise, podem ser irrelevantes. Por isso, só pode seguir Cristo quem decide fazer uma ruptura com o seu mundo religioso passado. O seu triunfalismo cristão de inspiração neo-ortodoxa, juntamente com a tese de 'realização' de J.N. Farquhart, dominou a teologia missionária durante várias décadas do século vinte. Cf. J.N. Farquhart, *The Crown of Hinduism*, Kila, Montana: Kessinger, 2007 (originalmente publicado em 1913). se tentar defender Barth explicando que a palavra alemã 'Aufhebung' é mal interpretada como abolição da religião. Tal exegese na sua defesa não toma em consideração o teor geral da sua teologia, que considerava as outras religiões dialecticamente. Barth e Kraemer não estavam minimamente interessados em construir qualquer ponte teológica para se relacionarem positivamente com as outras religiões.

Se começarmos a nossa conversa a partir de tornar-se cristão, não ficamos enredados em problemas relacionados com a definição do que é 'ser cristão'. Tornar-se cristão ultrapassa o modelo dialéctico de pensamento e coloca-nos num novo padrão de relações. Aqui, as pressuposições de construção-identidade são diferentes.

A construção-identidade pode acontecer de modo centrípeto ou centrífugo. O modo dialéctico de definir a identidade cristã é um modelo centrípeto. Tenta fortalecer as fronteiras e marcar a diferença, de modo a adquirir um perfil próprio. Rejeita e nega o que quer que seja que no outro possa ameaçar a sua identidade centrípeta. Por outro lado, tornar-se cristão é adquirir uma identidade em relação com o outro – no nosso caso o outro religiosamente. A teia de relações particulares cria uma identidade dinâmica que vê o outro como parte da identidade de si mesmo e não como ameaça. Aqui, as fronteiras não são rígidas e não estão estratificadas mas são abertas e porosas. A análise em diversos campos também nos diz que não é o conceito que determina a relação, mas o contrário, nomeadamente, as relações determinam o conteúdo de conceitos e categorias. Isto quer dizer que nós não partimos do conceito de "cristão" para determinar a nossa relação com outras religiões (uma pressuposição subjacente à maioria das teologias das religiões),

mas a natureza e qualidade das nossas relações com elas dirão o que significa tornar-se cristão.

III Do uso à fruição

Para uma compreensão mais profunda de como tornar-se cristão inter-religiosamente implica uma abordagem diferente à identidade, faço aqui referência a uma distinção importante feita por Agostinho de Hipona em *De Doctrina Christiana*. Há coisas que usamos para obter alguma coisa ou chegar a uma coisa. Mas há realidades que ficam para além do simples uso. Não estão em vista a alguma coisa, mas são fins em si mesmas e têm valor por si mesmas, e tornam-se a nossa alegria. Nas palavras de Agostinho ‘desfrutar de uma coisa é descansar com satisfação nela por si mesma.’ Não se pode instrumentalizar realidades sublimes tais como amor, compaixão, amizade, nem outros campos como estética e ética. São, por assim dizer, reflexos de Deus, que não pode ser encaixado em uso instrumental e que é fruição.

Desenvolvendo esta distinção, mostra como a relação do cristianismo com outras religiões e culturas tem sido de uso instrumental. Isto é verdade mesmo quando a relação se torna mais aberta. Outras religiões e culturas são, para usar de novo uma analogia de Santo Agostinho, como o espólio do Egito que os Israelitas levaram com eles para uso e enriquecimento próprios:

Porque, como os egípcios também tinham... objectos e ornamentos em oiro e prata e roupas que o mesmo povo [os Israelitas] ao saírem do Egito se apropriaram para uma melhor utilização deles... Na mesma maneira, todos os ramos de aprendizagem pagã não têm só fantasias falsas e supersticiosas e fardos pesados de trabalho desnecessário que todos nós, ao sairmos sob a liderança de Cristo da companhia dos pagãos, devíamos abominar e evitar; mas também contêm instrução liberal que se adapta melhor ao uso da verdade... Porém, o cristão, quando se separa da companhia miserável destes homens, devia livrar-se destas coisas e dedicar-se à pregação do evangelho. Também a sua roupa – isto é, as instituições humanas tais como as que são adaptadas nas relações com os homens, o que é indispensável nesta vida – temos que tomá-la e levá-la para um uso cristão.

O espírito do “uso” Agostiniano de outras culturas e religiões parece animar muitas das afirmações nos documentos de Vaticano II, como por exemplo *Ad Gentes* nº22, onde a estratégia de missão é explicitada. Mas a articulação desta estratégia tornou-se hoje mais refinada.

Tornar-se cristão inter-religiosamente significa passar desta mentalidade de “uso” das outras religiões para servir a verdade cristã, para as ver como realidades sublimes de fruição, tendo valor nelas próprias. Quando o outro se torna a própria alegria, o outro torna-se na verdade parte de si mesmo, algo que é melhor ilustrado na relação conjugal. É isto que deve caracterizar o tornar-se cristão inter-religiosamente. Quanto mais se se torna cristão, quanto mais uma comunidade se torna cristã, tanto mais se apreciará as outras tradições religiosas e se considerará as verdades que elas (as religiões) representam como parte de si mesmo. Aqui a medida de tornar-se cristão é diferente da implicada na identidade centrípeta que se define dialecticamente.

IV Das certezas estagnadas ao percorrer do caminho

As crenças formam parte de qualquer tradição religiosa, juntamente com experiência, rituais, prescrições éticas, escrituras etc. Na sua percepção de identidade própria, algumas tradições religiosas dão mais importância às suas crenças, enquanto outras, como o hinduísmo, se concentram num conjunto de práticas. Tornar-se cristão não se trata de aderir a um conjunto de artigos de fé, mas é um movimento para experimentar e compreender o que isso realmente significa com uma forma de vida que se pode melhor caracterizar como uma viagem. Para apresentar um exemplo do campo da estética: a avaliação de uma obra de arte não se faz melhor aplicando normas pré-estabelecidas, mas por se encontrar na própria obra a concretização das leis da beleza. Aqui, a obra de arte não é pré-esvaziada por normas e parâmetros já dados. Tornar-se cristão é na verdade uma *ars vivendi* – uma arte de viver. A identidade cristã – individual e comunitária – quando institucionalizada, tende a ser abstracta, estagnada e desprovida de vida.

Mas se olharmos para os primeiros cristãos, vemos como lutaram para descobrir quem eram, foi um processo de descoberta. De facto, o caminho – o caminho – é como eles descreviam o que estavam a seguir (cf. Actos 9,2; 18,26; 19,23; 24,22). Os primeiros cristãos não agiam na base de uma identidade pré-constituída com funções definidas. Para se poder compreender o que é o cristianismo, precisamos de percorrer o seu caminho. O desafio de se tornar cristão não é menor hoje, especialmente quando vivemos em sociedades pluri-religiosas. Houve tempo em que as áreas geográficas podiam ser classificadas como a marcação de uma ou outra religião. A situação já não é essa. Mesmo naquelas partes da Europa em que o cristianismo era vida, cultura e religião tudo misturado num só, hoje, o processo de globalização, migração e outros semelhantes deram origem a uma situação pluri-religiosa. A identidade cristã estagnada e centrípeta pode tornar-se a-histórica na medida em que é definida sem referência à situação concreta. É no meio da pluralidade de religiões, com as suas formas de olhar o mundo, símbolos e ideais, que hoje se realiza a jornada de tornar-se cristão, de se tornar comunidades cristãs.

V Partilhando a graça

As definições centrípetas de ser cristão isolam cristãos e comunidades do ambiente pluri-religioso, enquanto a abordagem centrífuga toma as pessoas de outras tradições religiosas como companheiros na mesma viagem. Nesta viagem comum, descobre-se o Mistério Último nas suas inumeráveis formas e esplendor como as cores do arco-íris refractando a luz do sol. As comparações fáceis a nível da superfície dão lugar nesta viagem à exploração da graça e luz divinas e da transformação surpreendente que se efectua através das fronteiras religiosas.

O contraste entre o sobrenatural e o natural, muito utilizado para distinguir a revelação cristã das outras religiões, serviu para fortalecer a identidade centrípeta do cristianismo. Esta distinção criou uma relação dialéctica com as outras religiões. Se, na realidade, há o que Karl Rahner chamaria

'sobrenatural existencial' como parte de uma existência humana revestida de graça como uma condição comum, a verdadeira questão não é tanto definir fronteiras religiosas (incluindo a questão de "ser cristão"), em que as pessoas são separadas, mas antes realçar a graça que as une. A marca da existência espiritual não seria então onde se pertence dentro das nossas fronteiras e identidades pré-definidas, mas como as pessoas têm respondido ao dom da graça, que chega sempre não de modo a-histórico, mas em contextos definidos e em conjunção com muitas forças e factores. Tornar-se cristão precisa de ser colocado dentro desta trama maior da graça e de resposta a ela.

VI A mudança para o vazio

Uma das dificuldades que o cristianismo tem em relação às outras tradições religiosas tem sido o conceito de plenitude, que tem sido entendido como não ter qualquer necessidade do outro. Quando alguém se encontra pleno, não pode realmente receber nada: quanto muito pode fingir que recebe alguma coisa. Neste forma de plenitude, o outro ou se torna numa preparação para a plenitude que o cristianismo representa ou em parte de uma escala hierárquica de valores em que a revelação cristã ocupa o pináculo. Isto tem sido mais reforçado por uma filosofia que considera que o inferior e menos perfeito estão eminentemente contidos no que é superior e perfeito. Estes pontos de vista, evidentemente, não permitiram que o cristianismo considerasse o valor que as outras religiões representam em si mesmas e inclui-las como parte da sua própria definição.

Tornar-se cristão pode tornar-se uma experiência em movimento quando não partimos do pólo da plenitude mas do pólo do vazio. Afinal, a abnegação ou kenosis de Deus está no centro do cristianismo e, portanto, o seu conceito de revelação necessita de ser repensado radicalmente a partir do pólo do vazio. Tornar-se cristão significaria então tornar-se o receptáculo de todos esses dons maravilhosos de Deus, independentemente de onde vêm, e isto seria também a base de um entendimento diferente de universalidade. Quanto maior o vazio, tanto mais universal se tornarão os cristãos e as comunidades cristãs, porque no vazio infinito há lugar para receber indefinidamente.

VII Muitos modos de se tornar cristão

Não há um único modo de seguir Cristo. A definição centrípeta da identidade cristã força as pessoas a fazer escolhas que excluem. Se uma pessoa escolhe ser cristã, não pode ser budista ou hindu. A lógica é aut ... aut. Penso que temos de deixar esta maneira de definir a identidade, que inerentemente exclui o outro e se reforça a si mesmo. Podia uma hindu tornar-se cristã na medida em que segue Jesus, os seus ensinamentos, o seu modo de vida? Penso que sim. O seu modo de se tornar cristã pode ser diferente de outra pessoa educada no contexto das comunidades cristãs tradicionais da Europa, das Américas ou de África.

Nos Evangelhos, havia pessoas a seguir Jesus de diferentes modos e em círculos diferentes. Não havia só a multidão de pessoas que o ouviam, mas também os setenta e dois discípulos, e também o círculo

mais próximo dos Doze. Depois havia pessoas que se relacionavam com Jesus de formas muito diferentes, como Zaqueu, Nicodemos e José de Arimateia, que recolheu o seu corpo da cruz. As pessoas relacionavam-se com Jesus de modos muito diferentes, dependendo geralmente do contexto particular da sua vida. Tornar-se cristão é um projecto aberto, e não um projecto fechado, como pode sugerir a expressão “ser cristão”. Viver segundo o espírito de Cristo permite tornar-se cristão sem qualquer descontinuidade de onde se está existencialmente colocado, mas sempre com um movimento e numa viagem de transformação.

Podem ser levantados dois argumentos contra a pluralidade de modos de se tornar cristão. Se uma pessoa procura seguir Jesus e ser cristã, tem que seguir toda a fé cristã. Por outras palavras, ou se aceita a totalidade da fé cristã ou não se aceita. Mas na realidade, esta abordagem totalizante do mistério cristão nunca formou parte da vida dos cristãos mesmo nas comunidades visíveis de Igreja, nem mesmo entre santos. O modo como o espírito humano é atraído e lida com realidades sublimes não pode ser regulado nem regulamentado. Na viagem da vida de uma pessoa, pode haver certas encruzilhadas com Jesus e o seu evangelho. O modo como uma pessoa encontra Jesus não pode ser prensado num único molde. O ponto de entrada da descoberta de Jesus pode ser diferente: para Gandhi, por exemplo, foi o Sermão da Montanha e a entrega na cruz; para Raja Ram Mohan Roy foram os preceitos de Jesus; para Ramakrishna Paramahansa a pessoa mística de Jesus. Àqueles que acusavam Gandhi de se ter tornado cristão em segredo, ele teve a dizer o seguinte:

“Não há nada no mundo que me impeça de professar o cristianismo ou qualquer outra fé, no momento em que sinta essa verdade e essa necessidade. Onde há medo, não há religião. A acusação é um cumprimento na medida em que é um reconhecimento relutante da minha capacidade de apreciar as belezas do cristianismo. Deixem-me confessar isto. Se eu pudesse ser, digamos, cristão ou muçulmano, com a minha própria interpretação da Bíblia ou do Corão, eu não hesitaria em o ser.”

Precisamos de ser abertos em aceitar que o encontro com Jesus e o evangelho não pode ser institucionalizado. Isto permite-nos dialogar com os nossos vizinhos de outras crenças, não só sobre a sua experiência religiosa mas também sobre a sua descoberta de Jesus e interpretação da Bíblia de forma a tornarem-se cristãos no modo que melhor responde às suas necessidades e exigências espirituais – o que não se pode esperar de uma definição preconcebida de ‘ser cristão’.

Outro argumento seria dizer que ser cristão significa não só simplesmente seguir Cristo, mas tornar-se um com Cristo, como São Paulo diria. Numa entrevista recente, o bispo Albert Rouet de Poitiers fez uma observação muito importante sobre este conceito. Ele disse:

“Para mim, dizer que Cristo é a identidade cristã faz parte daquelas frases bonitas e piedosas que são verdade, mas que não tomam em consideração nuances próprias, como se Jesus tomasse a minha identidade. Não há identidade cristã a não ser que eu tenha uma relação com Ele, mas tem que ser uma relação de desejo ardente. Esta é a lógica da graça. De outro modo caímos no fanatismo, que se

desenvolve sobrepondo a tua existência com a ideia ou a pessoa que defendes. Esta confusão não é ser cristão.”

Tornar-se cristão devia envolver respeito pela viagem que se faz ao encontro de Jesus e relacionar-se com ele de modo particular que não pode ser reproduzido ou padronizado. Frases como “ser um em Cristo” precisam de ser interpretadas para trazer ressaltar as nuances envolvidas nas muitas maneiras de seguir Jesus e de se tornar cristão em espírito e no modo de vida.

Conclusão

No contexto das situações pluri-religiosas, o desafio é pensar em tornar-se cristão. Faz mais sentido do que falar “em ser cristão”, que tem muitas ciladas e pode não corresponder à experiência nova que hoje fazemos. Tornar-se cristão é um processo que não é feito sozinho, nem mesmo em comunidades cristãs institucionalizadas, mas em parceria com muitas pessoas de outras crenças com quem vivemos e interagimos quotidianamente. Vemos como isto é importante no continente da Ásia, e também, cada vez mais, em outras partes do mundo com a presença globalizada de religiões. Este modo de tornar-se cristão com vizinhos de outras religiões ajudam-nos a descobrir o mistério desta realidade que não teria sido possível sem esse encontro. Tornar-se cristão inter-religiosamente é, na verdade, uma experiência enriquecedora e emocionante.

Cf. Jacques Genet, *Chine et christianisme*, Paris-Gallimard, 1982; Vincent Cronin, *A Pearl to India: The Life of Robert De Nobili*, London: Darton, Longman & Todd, 1959.

Cf. H. Richard Niebuhr, *Christ and Culture*, San Francisco: Harper San Francisco, 2001 (originalmente publicado em 1951).

Cf. Hendrik Kraemer, *Christian Message in a Non-Christian World*, London: Edinburgh House Press, 1938. O livro de Hendrik Kraemer foi escrito para a Conferência do Conselho Missionário Internacional em Tambaran, Índia, em 1938. O livro defendeu que a revelação cristã é sui generis e constitui o padrão absoluto de referência, e que as outras religiões estão numa posição de descontinuidade com a revelação cristã e, na verdade, em última análise, podem ser irrelevantes. Por isso, só pode seguir Cristo quem decide fazer uma ruptura com o seu mundo religioso passado. O seu triunfalismo cristão de inspiração neo-ortodoxa, juntamente com a tese de ‘realização’ de J.N. Farquhart, dominou a teologia missionária durante várias décadas do século vinte. Cf. J.N. Farquhart, *The Crown of Hinduism*, Kila, Montana: Kessinger, 2007 (originalmente publicado em 1913).

Cf. J. A. Di Noia, ‘Religion and the Religions’ in John Webster (ed.), *The Cambridge Companion to Karl Barth*, Cambridge: Cambridge University Press, 2000, pp.243ss.

De Doctrina Christiana, Livro I, Capítulo 4.4

Ibid.

Ibid. Livro II, Capítulo 40.60

M. K. Gandhi, *Christian Missions. Their Place in India*, Ahmedabad: Navajivan Press, 1941, p.49.

Albert Rouet, ‘J’aimerais vous dire. Entretien avec Dennis Gira, Paris: Bayard Presse, 2009, pp 171-2.

“Tornar-se cristã (cristão) inter-religiosamente”

Felix Wilfred

Recensão por
Isabel Allegro de M.

Este texto trata a questão da fé cristã como um processo, um processo de aprendizagem, e não como a afirmação de uma identidade já definida e permanente. A nossa pertença ao cristianismo é aqui vista como um processo em curso, por isso incompleto: um “processo de descoberta” (p. 63) e de transformação das nossas vidas (60). Para o autor, a noção de identidade cristã está mais expressa na acção de “tornar-se” que na de “ser”. (A noção de “ser” sugere algo de estagnado, “tem muitas ciladas e não dá conta da experiência nova que hoje fazemos” (67). “Tornar-se”, enquanto movimento ou acção em curso, pelo contrário, acentua a natureza de um processo, o que constitui a proposta inicial deste texto: “um cristão é um sujeito [por isso] em constante crescimento e transformação” – diz Wilfred(59).

Neste quadro de entendimento, o autor foca os contextos multiculturais e plurirreligiosos das sociedades em que vivemos, quase em todo o mundo. Dentro deles, diferentes culturas e religiões estão hoje presentes de modo consistente, o que antes não acontecia, constituindo assim contextos diferentes de aprendizagem. Eles são quase escolas informais onde aprendemos a conhecer a alteridade ou o ser dos outros. O desafio que daí resulta é o da abertura ao que nos rodeia, para na nossa visão da vida reconhecermos e avaliarmos o que difere de nós com tanto valor como o que nos identifica a nós. Supõe conhecermos culturas e religiões que antes seriam para nós quase desconhecidas, e que são hoje parte dos nossos contextos quotidianos. Implica também mudanças no modo de pensarmos não só as identidades culturais e religiosas para além da nossa, como também a própria fé, a revelação e as outras tradições religiosas, tal como Winfred o aponta (59).

O nosso crescimento na adesão ao cristianismo terá pois de acontecer nessa atitude de abertura ao outro, e não em reacção contra o que difere de nós.

Felix Winfred lembra como ao longo da história a Igreja Católica se afastou do mundo, encarando-o quer como ‘vale de lágrimas’ (60) – costumávamos rezar na ‘Salve Regina’ – quer como algo a que se deveria escapar. Isso em vez de tê-lo como o lugar em que somos chamados a viver para o transformarmos num melhor lugar para todos.

Na maneira de construir a própria identidade e de ver o outro -- pessoa, cultura ou religião --, Winfred fala de duas possíveis perspectivas (61). Uma, a que chama centrípeta, significa que enquanto cristãos, como igreja, afirmamos a nossa própria identidade numa dialéctica em relação ao mundo, o que leva a procurar “fortalecer as próprias fronteiras e marcar a sua diferença, para que ela possa adquirir um perfil seu” (60). Assim, as outras identidades religiosas e culturais acabam por ser desrespeitadas sempre que nelas algo ameaça essa

nossa identidade centrípeta, centrada sobre si. A outra perspectiva, a que Winfred chama centrífuga, implica a noção de que a identidade cristã deveria construir-se numa relação com o outro, tornando-o por sua vez parte da nossa própria identidade (61). Nesta perspectiva, as fronteiras que nos distinguem dos outros -- a mim, e a nós como comunidade -- são flexíveis, “abertas e porosas”, o que leva a uma atitude que não se impõe ao outro, mas que é dialógica. Nas próprias palavras do autor do texto:

[...] não é o conceito que determina a relação, mas o contrário, a saber, são as relações que determinam o conteúdo os conceitos e as categorias. Isto significa que não partimos do conceito de “cristão” para determinar as nossas relações para com outras religiões [...], Mas que é a natureza e a qualidade da nossa relação para com elas que nos dirá o que significa ser cristão. (Winfred: 2011, 61)

Daí que a forma como nos relacionamos com as outras religiões permita viver um processo de nos tornarmos cristãos em que é importante a escuta e aprendizagem com essas diferentes formas de crer, não tendo qualquer intenção de as instrumentalizar, mas só o gosto de saborear a diferença que o outro representa pelo seu próprio valor (62). “Tornar-se” cristão será então uma espécie de *ars vivendi*, uma arte de viver, onde a partilha inter-religiosa constitui elemento estruturante da identidade cristã (63).

Hoje em dia, diz Winfred, uma noção de identidade que seja fixa, já definida e centrípeta, é totalmente a-histórica (63), já que lhe faltam as referências concretas à realidade cultural e social das sociedades nossas contemporâneas. Viver hoje na História implica lidar então bem com o pluralismo: tanto de religiões como de culturas, procurando aprender com elas. A atitude mais certa será a de ver os outros como “companheiros da mesma viagem” em direcção “ao Mistério Último nas suas inumeráveis formas [...]” (63). A isso chama Winfred “tornar-se cristão inter-religiosamente” (61). Assim, em vez do sentido de posse da verdade (o que os cristãos muitas vezes tinham) e em lugar de tentar convencer os outros quanto a essa suposta verdade, aquilo a que somos chamados é antes um sincero reconhecimento do apelo de Deus feito a todos, para que façam o seu próprio caminho dentro da tradição religiosa e cultural que é a sua. E dentro dessa multiplicidade de caminhos, importa ser capaz de partilhar a nossa fé e a nossa visão com os outros, assim como partilhar da sua fé e da sua visão. Isso na consciência de que “seguir a Cristo” tem muitas formas, de que “tornar-se cristão é um projecto aberto, não fechado, como a expressão “ser cristão” pode sugerir” (64).

Como dizia o sacerdote católico, e teólogo cristão-hindu, Raimon Panikkar -- que há bem pouco tempo deixou esta Terra --:

É uma questão de permanermos com uma consciência desperta, conscientes de estarmos a entoar notas diferentes na mesma sinfonia, e de que caminhamos por diferentes caminhos para o mesmo cume. A fé é assim a experiência da sinfonia, de antever por instantes o cume, estando atentos ao instrumento que usamos e tentando não tropeçar no caminho. (PANIKKAR: 1990, 11. 19)

Por isso “o encontro com Jesus e o evangelho não pode ser institucionalizado” (66), pelo contrário: pode assumir tantas formas como um cristal de rocha, tantas cores como o arco-íris.

Referências: Wilfred, Felix. “Becoming Christian inter-religiously”. In *Concilium*. 2011 (2), 59-67.

Panikkar, Raimon. 1990. “The religion of the Future or the crisis of the notion of religion: human righteousness”. Part I. In *Interculture*, Vol. XXIII (2), Spring: 1-24.



Reflexão sobre “Tornar-se Cristão Inter-Religiosamente” .

Felix Wilfred, Concilium 2011/2, para o processo TxinTxa.

Comentário por

Jeanette V. Loanzon

“Tornar-se Cristão pode tornar-se uma experiência em movimento se partirmos não o pólo da plenitude mas do pólo do vazio (“(Wilfred, F., p.64). Isto parece apelar à nossa experiência Graal enquanto comunidade de procura. A taça, símbolo do Graal, reflecte este vazio; estamos vazias e “... há espaço para receber sem limites. Rachel Donders, da Holanda, que foi presidente do Graal internacional, disse-o desta maneira:

O cálice do Graal,
Emblema do nosso movimento,
Fala-nos da atitude fundamental
Do humano perante o Divino,
A atitude de receptividade.
Amplamente aberto, o cálice permanece vazio,
Pronto a receber, ansioso para se encher...

O nosso “vazio” sugere abertura ao outro. Durante os encontros nacionais ou internacionais do Graal, quando nos perguntamos quais são os nossos valores enquanto membros do Graal, a nossa resposta é, muitas vezes, hospitalidade. O nosso vazio e a nossa abertura estão muito relacionados com o grande valor que damos à hospitalidade de coração. Nos centros do Graal, nas nossas casas e nos nossos corações recebemos participantes do Graal, futuras participantes ou convidadas desconhecidas que precisam da nossa hospitalidade. Por isso, podemos dizer que quanto maiores forem o nosso “vazio” e a nossa abertura, a nossa hospitalidade, mais “universal” poderá ser o Graal enquanto comunidade.

A abertura ao “percorrer o caminho” e ao “tornar-se cristão” em vez de se ser cristão, tornamo-nos capazes de receber e de ter gosto nisso. Wilfred menciona, duas mudanças: do uso para o fruir, e de atitudes estagnadas para percorrer o caminho. Ao ouvir a chamada para a oração da manhã vinda das mesquitas, sentimos que, tal como os nossos vizinhos muçulmanos, somos chamados a uma vida de oração regular.

Alegramo-nos quando temos conhecimento das acções de caridade de uma Igreja Metodista Unida num local remoto, guiada pela compaixão cristã que partilhamos uns com os outros. Sendo a música uma linguagem universal, sentimo-nos elevar quando escutamos as vozes celestiais de um coro ecuménico a que pertence uma participante do Graal. “Quando o outro se torna a alegria de alguém, o outro torna-se verdadeiramente parte desse alguém, algo que a relação conjugal melhor ilustra.”

Criar a nossa identidade cristã pode ser conseguido através de duas vias, disse Wilfred. A via centrípeta marca as fronteiras e as diferenças para chegar a uma identidade única. Tornar-se cristão é adquirir “uma identidade em relação com o outro”. Esta é a segunda maneira, a via centrífuga. Não é a ideia que determina a relação, mas “ a natureza e a qualidade da nossa relação com eles que vai dizer o que significa tornar-se cristão”.

A religião cria uma rede de relações entre nós e o Criador, entre nós e as nossas co-criaturas (Galtung, J., Cimeira Social Mundial, UNRISD, 1995). Dado que a palavra religião vem do Latim *ligare*, significando ligar, estamos ligados uns aos outros pela nossa humanidade comum. O que se torna importante é a nossa relação com os outros. E estamos relacionados uns com os outros devido a esta verdade mais profunda: somos todos co-criaturas do mesmo Criador.

Vivermos juntos é o último pilar de “Aprender: O Tesouro Interior” (Delors, J); aprendemos a conhecer, a ser e a fazer. “Tornar-se cristão” é um processo que não se faz sozinho, nem sequer com comunidades cristãs institucionalizadas, mas em parceria com muitas outras pessoas de outras crenças com as quais vivemos e interagimos diariamente.”

Entre 94 milhões de Filipinos, cerca de 10% de nós trabalha em países estrangeiros, como mulheres de limpezas em Singapura, professoras de Línguas em Sidney ou contabilistas na Califórnia. Antes da Declaração da independência de Timor-Leste em 2002, éramos considerados o único país cristão na Ásia. O dom da nossa fé cristã só se torna uma bênção quando somos capazes de partilhar os nossos valores no mundo inter-religioso onde vivemos.

Nos anos noventa, a falecida Mimi Marechal, membro do Graal da Bélgica e da Holanda, recordava-se de como a sua enfermeira filipina ia efectuando os procedimentos de enfermagem com o estetoscópio ao mesmo tempo que ia vendo pelo canto do olho se a Mimi estava com dores. Foi a mesma Mimi que reparou que, enquanto o resto dos seus vizinhos sudoeste-asiáticos recusavam os refugiados dos barcos vindos da Indochina nos anos setenta, os Filipinos acolhiam-nos apesar da nossa pobreza. De facto, a nossa fé cristã dá-nos como que uma âncora nestes dias turbulentos de desordem financeira que traz menos emprego e mais miséria.

Torna-se nossa responsabilidade, enquanto Filipinos, partilhar mais profundamente a compaixão que aprendemos no cristianismo. O amor pelo vizinho é um valor que partilhamos com grandes religiões com raízes na Ásia.

À medida que caminhamos em direcção a tornarmo-nos cristãos num contexto inter-religioso, sentimo-nos guiadas por participantes do Graal, do passado e do presente, que muito nos deram. Alberta Lücker, da Alemanha, foi pioneira ao juntar membros das religiões mundiais para ajudarem a organizar diálogos com vista à paz e as participantes do Graal de Itália, Alemanha e Holanda trabalham com migrantes e suas famílias no campo da educação e dos direitos humanos.

“Conscientes de que somos recipientes vazios” (Donders, R), tornarmo-nos cristãos num mundo inter-religioso é nossa responsabilidade, alertada pela globalização e ameaçada por fundamentalismos. Relacionamo-nos, cara-a-cara ou através do ciberespaço, com pessoas de diferentes religiões. Precisamos de ver de onde vêm, como vêm o mundo, e aprender o modo de vivermos em conjunto. Estando neste caminho, permanecemos abertas e livres de “atitudes estagnadas”. Provavelmente vamos descobrir que estamos no mesmo percurso em direcção à totalidade e à cura, ao ponto no qual cada uma de nós, enquanto membro do Graal, dirá “A minha taça está a transbordar” (Donders, R).

29 Fevereiro 2012



Diretrizes para a Compreensão Inter-Religiosa

Pe. Thomas Keating, OSCO

Para aquelas que pediram alguma ajuda em como iniciar o diálogo, estas orientações podem constituir um recurso possível e um ponto de partida. Sugerimos que cada uma pense sobre as atitudes necessárias para um diálogo construtivo, tanto dentro da comunidade cristã como com pessoas de outras crenças, e que elabore um conjunto de orientações práticas.

Keating oferece um modelo de como começar um relacionamento de diálogo: a meditação em silêncio e a partilha da viagem espiritual pessoal que fala sobre a nossa tradição religiosa.

Os oito pontos de concordância que Pe. Thomas Keating menciona, oferecem ideias que podem servir como base para o diálogo, seja entre nós ou com um grupo mais amplo.

Os 15 exemplos de prática disciplinada podem servir de base para a partilha das nossas próprias experiências de práticas espirituais na nossa própria tradição.

PONTOS DE ENTENDIMENTO E SEMELHANÇA

Creio ser útil começar por explicar um pouco sobre a minha experiência de contínuo diálogo inter-religioso. Em 1984, convidei um grupo de mestres espirituais de várias religiões do mundo - Budista, Budista Tibetano, Hindu, Judaica, Islâmica, Nativo Americana, Ortodoxa Russa, Protestante e Católica - para reunir no Mosteiro de São Bento, Snowmass, Colorado, para meditar em silêncio e partilhar as nossas jornadas pessoais espirituais, especialmente nos elementos das nossas respectivas tradições que se têm revelado mais úteis ao longo do caminho, para cada um de nós.

Não registámos ou publicámos nada. À medida que a nossa confiança e amizade foi crescendo, sentimo-nos impelidos a investigar os vários pontos em que parecíamos concordar. Os pontos de entendimento originais foram trabalhados ao longo de vários encontros que se seguiram, sempre que anualmente, nos voltávamos a encontrar, por períodos de cerca de uma semana. Os próximos oito pontos repretam a nossa lista mais recente:

1. As religiões do mundo são testemunhas da experiência da Realidade Última, para a qual dão vários nomes: Brahamn, Alá, Absoluto, Deus, Grande Espírito.
2. A Realidade Última não pode ser limitada a um único nome ou conceito.
3. A Realidade Última é a base para a potenciação infinita e actualização
4. A Fé é abertura, aceitação e resposta à Realidade Última. A Fé neste sentido precede qualquer sistema de crença.
5. O potencial para a plenitude humana - ou em outros quadros de referência, clarividência, salvação, transformação, bem-aventurança, "nirvana" -- está presente em toda a pessoa humana.
6. A Realidade Última pode ser experienciada não apenas através das práticas religiosas mas também através da natureza, da arte, das relações humanas, e do serviço aos outros.

7. Enquanto a condição humana for experienciada à margem da Realidade Última, estará sujeita à ignorância e ilusão, à fraqueza e ao sofrimento.

8. Uma prática disciplinada é essencial para a vida espiritual; no entanto a realização espiritual não é resultado do nosso esforço pessoal, mas resulta da experiência de unidade com a Realidade Última.

Na Conferência anual em Maio de 1986, surgiram novos pontos de entendimento de natureza prática:

A. Alguns exemplos de prática disciplinada, comum a todos:

1. Praticar a compaixão
2. Serviço aos outros
3. Praticar preceitos morais e virtudes
4. Treino de técnicas de meditação e regularidade da prática
5. Atenção à dieta alimentar e ao exercício
6. Jejum e abstinência
7. A utilização da música e do canto e de símbolos sagrados
8. Praticar em consciência (recolhimento, atenção plena) e viver no momento presente.
9. Peregrinar
10. Estudo dos textos bíblicos e escrituras

E, em algumas tradições:

11. Relacionamento com um professor qualificado
12. Repetição de palavras sagradas (mantra, japa)
13. Observar tempos de silêncio e solidão
14. Movimento e dança
15. Comunidade formativa

B. É essencial alargar a nossa prática formal de atenção a todos os aspectos da nossa vida.

C. Humildade, gratitude e sentido de humor são indispensáveis na vida espiritual.

D. Rezar em comunhão com a Realidade Última, quer esta seja pessoal, impessoal, ou para lá de ambas.

Ficámos muito surpreendidos e encantados por descobrir muitos pontos de semelhança e convergência em cada um dos nossos caminhos. Tal como muitas outras pessoas da nossa geração, esperávamos que inicialmente, não encontraríamos praticamente nada em comum. Nos anos que se seguiram começámos espontaneamente, mas de alguma forma hesitantemente, a olhar com mais atenção para os nossos pontos de desentendimento até que estes se tornaram o nosso maior foco de atenção. Descobrimos que ao discutir estes pontos de desacordo estávamos a fortalecer os laços do grupo até mais do que quando fomos descobrindo os nossos pontos de entendimento. Tornámo-nos mais honestos ao declarar aquilo em que francamente cada um acreditava e porquê, sem que ao mesmo tempo fizéssemos qualquer tipo de esforço para convencer os outros da nossa própria posição. Simplesmente apresentámos o nosso entendimento como oferta para o grupo.



Experiências Graal de diálogo fecundo

ALIMENTO PARA A ALMA

Desde 2007, alguns membros do Graal e outros têm-se reunido todas as quartas-feiras à noite durante o tempo letivo no Centro do Graal em Sydney. Para cada período é escolhido um tema, por exemplo, um evangelho, literatura sapiencial, Salmos, escritos de Teresa de Ávila, Jesus e Maria no Corão, etc, e alguém prepara um programa de leituras relevantes para o tema. Passamos meia hora de meditação silenciosa sobre a nossa leitura, no espírito do *lectio divina*, após o que partilhamos as ideias, pensamentos e sentimentos. Ao longo dos anos, através da oração e histórias partilhadas, fomos tornando uma comunidade muito próxima.

ORAÇÃO INTER-RELIGIOSA DE MULHERES EM PROL DE ELEIÇÕES PACÍFICAS NO QUÊNIA

Desde o início de dezembro de 2012, um grupo de mulheres de diversas origens culturais e religiosas reúne-se uma vez por mês para duas horas e meia de oração por umas eleições pacíficas no Quênia (4 de março 2013). Um grupo de 14 mulheres cristãs e muçulmanas provenientes do Quênia, Filipinas, Turquia, Sri Lanka e Tanzânia reúne-se uma vez por mês para rezar e partilhar as suas experiências de vida, para saber mais sobre a outra e, especialmente, sobre os ensinamentos religiosos de cada uma. Estes encontros proporcionam momentos maravilhosos de partilha de sabedoria, comida, amor e acolhimento umas às outras num espírito de irmandade trazendo para cada uma a força de um Criador. Partilhamos o que a Bíblia e o Corão dizem sobre Maria, e isso foi muito enriquecedor para todas. Pessoalmente, eu aprendi muito e não sou a mesma, aprendi algumas noções básicas de diálogo inter-religioso na prática.

Graças a Deus! (Al-hamdu lilah!) as eleições decorreram de forma pacífica.

VOICES AND WAYS OF RESURRECTION

Durante este tempo, que nos conduz da Páscoa ao Pentecostes, propusémos um caminho de celebração, louvor, acção de graças, constante e permanente, prolongando em cada dia a festa e a alegria da Ressurreição. E como o fizémos? Escolhemos uma imagem de um vitral chamado LUZ, da autoria de Alice Fernandes (participante do Graal em Portugal) que permaneceu durante as seis semanas deste tempo litúrgico e, em cada 3ª feira, publicámos no site do GRAAL (<http://www.graal.org.pt>) um texto, que, através de diferentes vozes, nos interpelaram a novas e verdadeiras vias de ressurreição.

Para ajudar à interiorização do texto sugerimos que, inspiradas por ele, procurássemos escrever (pelo menos) um haiku. O haiku, de origem japonesa, poderá definir-se como um estilo poético que, quanto à forma, tem três versos curtos e, quanto ao conteúdo, expressa a subjectividade do que de mais significativo cada pessoa guardou no seu coração. Capta o instantâneo, regista, enquadra, presentifica, evoca, emociona.

O haiku ocidental apresenta diferenças do tradicional japonês, principalmente no aspecto formal. Mantém, no entanto, a brevidade, a leveza, a recorrência a vocábulos associados à natureza, a associação de percepções (sensoriais e emocionais) e a divisão da estrofe em três versos. Na ligação com o texto enviado pode mesmo tornar-se uma prática espiritual.

Há grandes especialistas na escrita do haiku. Por exemplo, em Portugal, um dos nossos grandes poetas, Herberto Helder, apresenta algumas traduções de haiku, de que é exemplo o seguinte: Ah, o passado/ O tempo onde se acumularam/ Os dias lentos.

Mas qualquer pessoa pode, de modo simples e inteiro, dispor-se à sua escrita que apela à sensibilidade e à escuta de si e do que a envolve.

Foi esse o convite: tornarmo-nos “poetas” da simplicidade e da profundidade de nós mesmas. O texto enviado foi a fonte de inspiração, o vitral, a beleza que inspirou também a sua escrita, permitindo assim a descoberta de uma interioridade inesperada.

Os haiku, foram semanalmente publicados no site do Graal , e assim, em conjunto, pudemos saborear, inspirarmo-nos umas através das outras, e, em conjunto, celebrar a Beleza de Deus.



Bibliogra Anotada

A Human Search - Documentário sobre a vida de Bede Griffiths.

Recomendamos vivamente este filme para ajudar na reflexão dos aspectos do diálogo inter-religioso. Está disponível na internet, gratuitamente, quer no YouTube através do link: www.youtube.com/watch?v=KvmWZ9W5fiE ou no www.myspace.com/video/shantivanam/the-life-of-father-bede-griffiths/61508660.

Jacques Dupuis; Christianity and the Religions: From Confrontation to Dialogue.

Este livro é rico em teologia não sendo de leitura muito fácil. No entanto, o seu conhecimento e sabedoria são grandes recompensas para o leitor paciente. Este excelente livro documenta a nova abertura da Igreja Católica, desde o Concílio Vaticano II, em relação a outros cristãos e seguidores de outras religiões. De particular interesse, encontramos no capítulo 2 o impacto e a importância do Concílio Vaticano II e no capítulo 9, os fundamentos teológicos, desafios e frutos do diálogo inter-religioso. O capítulo 10 fala sobre a oração inter-religiosa sendo por isso também de interesse.

Gregory Baum; Amazing Church.

Neste livro, Baum olha para como as mudanças no pensamento da Igreja foram revolucionárias durante os anos do Concílio Vaticano II e como essas mudanças e como estas mudanças se tornaram parte da vida da Igreja nos anos que se sucederam. O seu contributo é bem fundamentado, de fácil leitura e cheio de optimismo e esperança.

Monika Hellwig; The Eucharist and the Hunger of the World.

Trata-se de um pequeno livro que confronta e desafia o leitor, a fazer a ligação fundamental entre a participação na Eucaristia e o alimentar a fome do mundo.

Jean Vanier; Becoming Human

O autor deste livro coloca ênfase na importância do perdão e da reconciliação devido ao facto de todos os seres humanos estarem "partidos", ninguém pode declarar-se perfeito. Neste caso o perdão é crucial e a melhor forma de criar um terreno para o diálogo. Escutar-mo-nos uns aos outros, testemunhar a fé, incentivar o amor mútuo, entender cada um e aceitar as limitações, ajuda a fortalecer o espírito de diálogo e esperança na vida.

Declaration on the relation of the Church to Non-Christian Religions (Nostra Aetate 28, Oct. 1965, Vat. II)

As pessoas estão cada vez mais a aproximar-se enquanto nações, instituições, grupos ou indivíduos. Os laços de amizade precisam ser sustentados através do diálogo religioso. Isto é crucial e amplia a unidade entre a diversidade nas diferentes tradições religiosas que podem ter muitos elementos em comum nas suas crenças religiosas, particularmente, o reconhecimento do misterioso poder que está por detrás da criação e dos eventos da vida humana. A maioria das religiões têm um enorme sentido do sagrado e do compromisso na resolução dos problemas que a humanidade enfrenta no mundo dos dias de hoje.

Hans Kung; In search of a new global ethic

"Não há paz entre as religiões sem diálogo entre as religiões" O conhecimento sobre a religião do outro é fundamental para ajudar a construir as pontes que fazem a humanidade sentir-se em casa num mundo que se tornou uma aldeia global.

Elizabeth Johnson; Quest for the Loving God

Este é um excelente relato sobre a mudança de ênfase na teologia cristã nos últimos 50 anos, desde que a complacência ocidental foi abalada pelos horrores da II Guerra Mundial e o Holocausto. As comunidades cristãs têm reflectido mais profundamente sobre os Evangelhos e ganho novas visões sobre as implicações dos ensinamentos de Jesus nos seus próprios contextos.

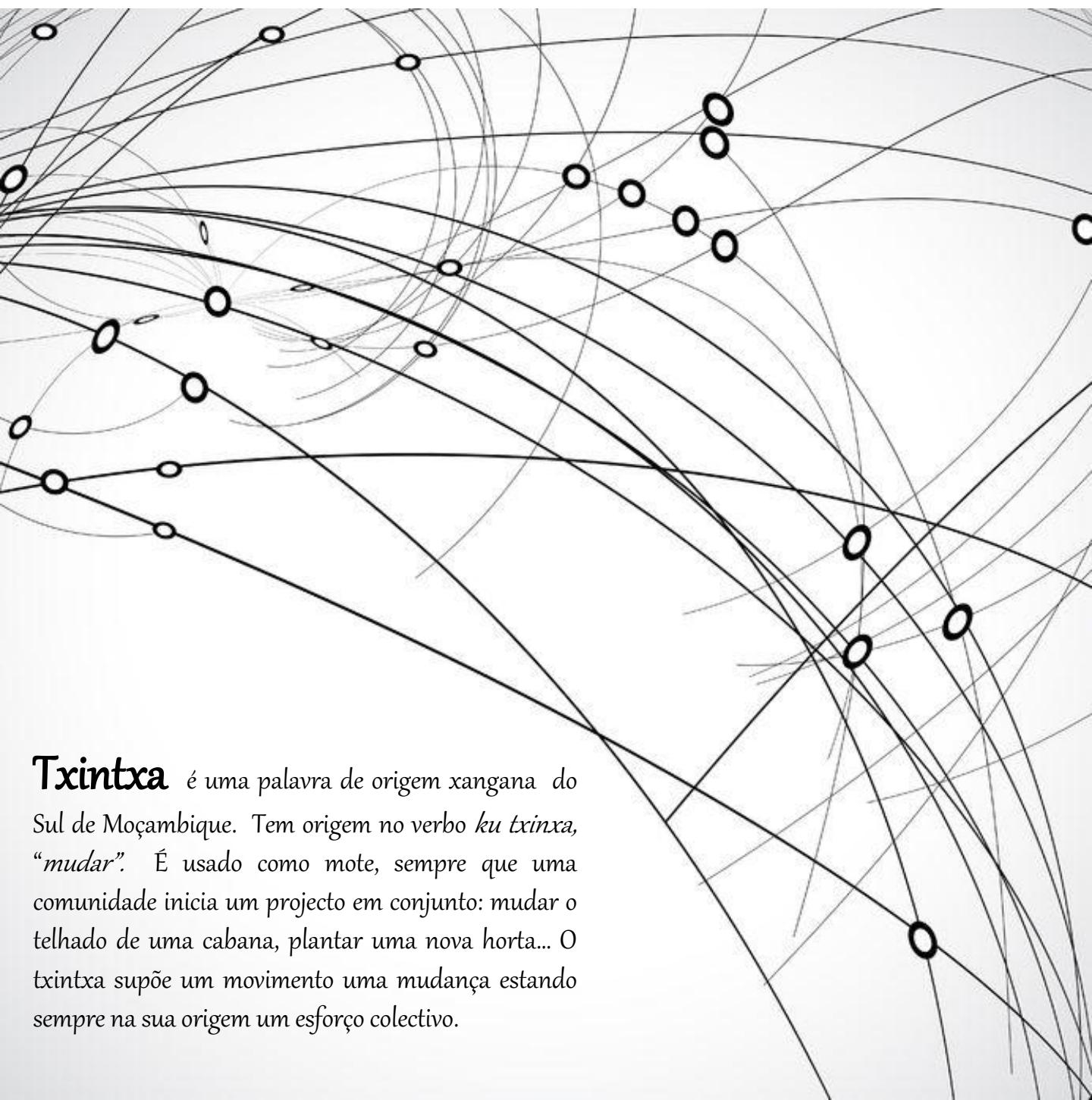
Elizabeth Johnson traça a evolução da teologia política na Alemanha, teologia da libertação na América Latina, a teologia feminista - o primeiro na América do Norte e na Europa e depois no resto do mundo -, e novo reconhecimento de Deus na natureza e do cosmos.

A imagem de Deus que emerge é verdadeiramente digna de amor profundo.

Huston Smith. The World's Religions.

Este livro é um clássico, mas continua a ser o melhor relato de tudo que há de melhor nas grandes religiões do mundo. De uma forma extraordinária Huston Smith permite-nos experimentar essas religiões a partir do interior. Torna-se constantemente conscientes de que, quanto mais profundamente uma pessoa entra na sua própria fé, mais perto se encontra de todos os outros.





Txintxa é uma palavra de origem xangana do Sul de Moçambique. Tem origem no verbo *ku txinxá*, “mudar”. É usado como mote, sempre que uma comunidade inicia um projecto em conjunto: mudar o telhado de uma cabana, plantar uma nova horta... O txintxa supõe um movimento uma mudança estando sempre na sua origem um esforço colectivo.